
RIBEIRO, D. — *Nossa escola é uma calamidade*. Rio de Janeiro, Salamandra, 1984. 106p.

Outro excelente livro do professor Darcy Ribeiro no campo da educação. Entre muitos que estudam de preferência o ensino superior, este se caracteriza por tratar da escola de primeiro grau, principalmente porque se preocupa com o ciclo básico (primeira e segunda séries) cujo objetivo é a alfabetização. É aí que as análises de Darcy Ribeiro, humanista e antropólogo, lançam luz sobre tópicos quase nunca abordados.

Como sempre, dentro de um estilo inconfundível, escrevendo para o leigo e o especialista ao mesmo tempo, analisa, critica e denuncia com toda a veemência que lhe é peculiar. Encontramos aí mais uma vez um Darcy Ribeiro sui generis, abrindo caminhos, levando a discussão para terrenos ainda inexplorados, levantando hipóteses, criando e inovando.

Seu pequeno livro se inicia com uma constatação: a de que nosso ensino primário é uma calamidade, é elitista, e que quanto à sua função de alfabetizar perde para o Paraguai e Bolívia, o que é demonstrado com inúmeros gráficos. A certa altura o Autor diz: "Como negar, diante desses fatos, que temos uma escola desonesta, uma escola inadequada, uma escola impatriótica? O fato irretorquível é que ela funciona tomando como sua clien-

tela própria, normal, uma minoria. Ela é, pois, uma escola para 20%, não é uma escola para os 80% da população."

A seguir analisa a deterioração da rede escolar, que apesar de "tão enorme e tão precária" vem decaindo a olhos vistos, ano após ano. Não só a escola, mas o próprio professorado, "mal preparado para suas funções e desestimulado — também decai em níveis de formação pedagógica e se desprestigia social e profissionalmente." Adverte que no caso do professor há componentes de responsabilidade política. Não o acusa pessoalmente. Cita várias leis que aparentemente são favoráveis ao professor mas que realmente são paternalistas e nefastas ao ensino.

Para explicar o descabro educacional o Autor parte de uma constatação geral: o caráter de nossa sociedade. "Somos uma sociedade deformada que carrega dentro de si cicatrizes e malformações históricas profundas que teremos muitas dificuldades em superar". Mais adiante acrescenta: "Muitos fatores se conjugaram para alcançar este triste resultado. Todos eles têm por base o caráter de nossa estrutura de classe desgarradamente desigualitária, e de nossos governos, incapazes de assumir as causas populares como suas e de nossa herança cultural retrógra-

* Departamento de Antropologia, Política e Filosofia — Instituto de Letras, Ciências Sociais e Educação — UNESP — 14800 — Araraquara — SP.

da". Procura, então, as causas profundas do descalabro, e afirma que a "incapacidade de educar a população, como a incapacidade de alimentá-la, se devem ao próprio caráter da sociedade nacional. A sociedade brasileira é uma sociedade enferma de desigualdade, enferma de descaso por sua população".

Diz que o destino e as aspirações do povo não interessam às classes dominantes antigas ou modernas e que ao tomar decisões jamais levam em consideração suas necessidades e que são vistos como simples "força de trabalho destinada a ser desgastada na produção". E conclui sua hipótese: "A explicação que eu dou, para nosso atraso educacional, é de que ele constitui uma seqüela do escravismo. Nós fomos o último país do mundo a acabar com a escravidão, e este fato histórico constitutivo de nossa sociedade tem um preço que ainda estamos pagando".

Posto isto, o Autor procura as causas decorrentes e apresenta inúmeras, tece severas críticas a personagens históricas, autoridades, denunciando e destruindo mitos, leis, pseudo-reformas etc.

Concentra suas críticas na própria escola, em seu regime de trabalho e suas práticas docentes, pois acredita que só ela mesma pode solucioná-las. Reafirma que a escola que temos rejeita e repele a criança pobre. "Nessas condições, a função sociológica, digamos assim, da nossa escola fundamental é provar ao aluno pobre que ele é pobre porque é burro. Assim é que a escola induz ao aluno pobre a resignar-se

com a sua condição social, uma vez que, na escola, ele próprio verifica que os alunos provenientes de outras classes passam adiante e são promovidos, revelando uma superioridade objetiva, comparável, mensurável. Inegável".

No capítulo "As pedagogias desvairadas" são feitos duros ataques à "antipedagogia obtusa" que informa a ação educativa de muitas de nossas escolas. No último capítulo teórico "Desafio cultural" o Autor propõe como solução para os problemas de nossa educação tão somente "levá-la a sério", o que segundo diz nunca foi feito. "É enfrentar a tarefa de criar, aqui e agora, para todas as crianças, a escola primária universal e gratuita que o mundo criou". E explica que isso não implica na necessidade anterior de uma revolução ou de profundas mudanças na economia, pois a "escola que alfabetizou o mundo consiste, essencialmente — em uma professora bem preparada, estimulada e provida de um mínimo de material didático para as crianças que não possam adquirir".

A seguir o Autor expõe o programa de educação do Estado do Rio de Janeiro, previsto para curto e médio prazo. Neste Estado ele é, além de vice-governador, presidente da Comissão Coordenadora da Educação e Cultura que tem a seu cargo a educação do primeiro, segundo e terceiro graus.

O livro é indicado para ser discutido. É aí que reside sua maior importância.